

SENTIDOS E COSTURAS DE UMA MULHER NEGRA NA/DA ROÇA

ANA MARIA ANUNCIÇÃO DA SILVA¹ , ANTONIO
JOSÉ DE SOUZA² , ROSANE MEIRE VIEIRA DE
JESUS³ 

RESUMO: Esta narrativa apresenta uma herança revisitada pela primeira autora. As suas vivências brotam em torno do tronco familiar, sua “esteira” ancestral circunscrita no campo/roça. O objetivo é, à luz do método (Auto)Biográfico e na companhia do(a) coautor(a), analisar as existências da mulher-negra a partir da sua infância, passando por seu ofício de agricultora-docente, chegando à resistência na geografia da roça e do mundo; destrinchando o produzir cotidiano do sustento da vida no entrelaçamento dos eixos formativos: terra, trabalho, cultura e educação. As autoras (o autor) refletem sobre os aprendizados fincados na família como lastreio das (re)existências, revelando o ser do campo/roça impregnado da pluralidade dos fazeres, saberes e memórias.

Palavras-chave: Campo/roça, Memórias, Ancestralidade familiar, (Auto)biografia.

1- Pedagoga/Assistente Social. Mestranda em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIV). Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano/Campus Serrinha). Professora da Educação Básica do município de Ichu/BA. Integra o Grupo de Pesquisa Formação, Experiência, Linguagens (FEL/UNEB). E-mail: annaichu@hotmail.com;

2- Teólogo/Historiador. Doutor em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal) – com período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus IV). Especialista em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano/Campus Senhor do Bonfim). Professor da Educação Básica do município de Itiúba/BA. Integrante do Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes/IFBaiano), da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) e foi Pesquisador-bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) entre 2019-2022. E-mail: tonnysouza@gmail.com.

3- Comunicóloga. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIV). Líder do Grupo de Pesquisa Formação, Experiência, Linguagens (FEL/UNEB).

Senses and seams of a black woman in/from the countryside

ABSTRACT

This narrative presents a heritage revisited by the first author.

Her experiences arise around the family structure, their ancestral “treadmill” circumscribed in the countryside. The aim of the study is, based on the (Auto)Biographic method and the contribution of the co-author, to analyze the presence of black woman from her childhood, through her profession as farmer-teacher, reaching the resistance in the geographicity of the countryside and the world; unraveling the daily production of livelihood in the intertwining formative axes: land, work, culture and education. The authors (the author) reflect on the learning embedded in the family as a backing for (re)existences, revealing the being of the field/countryside impregnated with the plurality of doings, knowledge and memories.

Keywords

Field/swidden, Memoirs, Family ancestry, (Auto)biography.

O Ser da narradora-protagonista

Nas próximas linhas e entrelinhas a primeira autora tece, borda e entrelaça suas andanças às costuras do tempo. Faz isso acessando as engrenagens da memória, constituindo uma trama existencial na qual revela segredos, saberes, vivências singulares de quem vive a vida na roça por entre o “[...] pisar o milho no pilão, domesticar a mandioca, bater o feijão [...], despalhar o milho, limpar a cacimba, tecer a palha [...], buscar a lenha e água na cabeça [...]” (SILVA; SOUZA, 2020, p. 252). Para além dessa cotidianidade, tal autora avança no itinerário formativo alcançando os limites do racional e do imaginário, pois “[...] a sua perspectivação temporal impõe a organização sinérgica de uma herança revisitada, aqui e agora, à luz dos desejos e das questões do presente, e de um devir em invenção [...]” (JOSSO, 2004, p. 263).

A narradora-protagonista, deste estudo, nasceu em plena contingência (ser-ou-não-ser), situando-se em família e na família; herdando a História, a genética, o brasão e os elementos identitários não escolhidos. Assim, fez-se filha, neta, bisneta e tataraneta de agricultoras(es) negras(os). Tornou-se, agora sim, por escolha consciente, um corpo que (re)existe em um espaço geográfico de características peculiares – o (Ser)tão baiano. Por isso a importância de ouvi-la contar sobre suas experiências, porque são significativas. Afinal, ela passa do silêncio (relegado ao seu povo) à palavra e à mudança de um olhar (hoje) atento ao campo das possibilidades de-Ser-tão imersa nessa territorialidade que, definitivamente, é algo forte o bastante para agregar o clima, a vegetação, o solo, o sol e a água à existência corporificada nas pessoas, na música, na festa, na cultura, na religiosidade, na política e na História e, sendo assim, é manifestação social; impossível de ser analisada por um único aspecto (MALVEZZI, 2007; PERROT, 2007).

Entrelaçando os primeiros fios: em primeira pessoa

Cresci em meio ao labor da lavoura, do suor vertido no rosto e da labuta na terra junto aos meus pais e irmãs; trabalhando para manter o sustento da nossa família. Eu já sabia que por ali “[...] estudava-se até a escola primária e, depois, todo mundo ia à batalha em termos de trabalho para ajudar a sustentar o resto da família.” (GONZALEZ, 2020, p. 286). Diante dessa realidade, o meu Pai era contratado para trabalhar no motor do sisal, para carregar pedras, destocar pastos, lavrar lenhas de machado – tendo ele um dos olhos perfurados numa dessas atividades e, por isso, minha Mãe passou, além das tarefas domésticas, a se responsabilizar em substituí-lo nas atividades degradantes. Eles, a fé e a criatividade alimentícia foram indispensáveis na manutenção da nossa (re)existência.

Destaco o significado de Mãe na minha vida e formação: “[...] ela tinha uma sacação assim incrível a respeito da realidade em que vivíamos e, [...] realidade política. [...] uma mulher inteligente, com uma capacidade de percepção muito grande das coisas e que passou isso para mim [...]”, disse Lélia Gonzalez (2020, p. 287), o que eu poderia, também, ter escrito sobre a matriarca de mim. Eu me tornei uma menina criativa ao observá-la nos seus trajetos, em ritmos e pausas; ela me proporcionou aprendizagens simples e belas. Ficava a contemplar a sua criatividade em meio aos cansaços da expedição cotidiana em busca de lenhas por veredas da caatinga. Recordo-me dela riscando aquela terra árida de cor amarronzada, fazendo desenhos no chão... a pura poesia encarnada que me fazia enxergar cores no contexto da escassez.

A minha Mãe sempre dava um jeito de tornar as atividades mais amenas, por exemplo, quando parava a lida para procurar uma árvore que permitisse se proteger da chuva, evitando nos molhar tanto; ou quando, buscando lenha, fazia uma rodilha macia com uma peça de pano retorcido a fim de aliviar o peso da viagem; e quando descobriu uma fonte para bebermos água diante do cansaço. Na época eu a observava nessas astúcias e superações, com o tempo fui compreendendo-a, também, a partir do que escreveu Conceição Evaristo (2020, p. 54): “Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar.”. Assim, crescia atenta ao que me ocorria, observando a mulher negra tendo uma vida que exige vigilância e criatividade. Em contato diuturno com os elementos da natureza e no contexto de práticas aquilombadas, desenvolvi – junto às mulheres negras-sertanejas – a riqueza da experiência e a sabedoria das palavras. Por isso, desde cedo, uma mulher-terra habita em mim.

Neste momento em que revisito as cenas, viajo por canteiros de súplicas e jardins de agradecimentos, meu corpo tomado por um sagrado íntimo; como ressalta Finger (2010, p. 125), “Uma compreensão que se desenrola no interior da pessoa, sobretudo em relação às vivências e experiências que tiveram lugar no decurso de sua história de vida.”. Recordo-me menina imersa nas experiências das rezas e dos banhos com ervas para descansar o corpo, após o fim do dia de digitório – uma prática ancestral aqui na roça que consiste na ação de juntar várias pessoas (homens, mulheres e crianças) para realizar um trabalho de forma coletiva e mais rápida, aquele que notadamente levaria o triplo de dias para chegar ao término. Assim, fazíamos/fazemos a construção de moradias e a domesticação da mandioca com observância aos sinais da natureza e às mudanças do tempo.

Como dizia, eu cresci na sabedoria das rezas, buscando por alívio e cura para as dores do corpo e alma – uma revolução que é cultural, mas também transcendental, pois passava “[...] pela dimensão religiosa do povo local.” (MALVEZZI, 2007, p. 21). As rezas eram feitas por minhas Avós com folhas de vassourinha, pião roxo, velame e guaraná em ocasiões de apelo ao sagrado, servindo para amenizar/sanar as dores de cabeça, ouvido, dente, dores no corpo em geral, muitas ocasionadas pelos pesos demasiados durante a lida na/da lavoura. A prática das rezas com folhas e os banhos tinham por objetivos a busca pela

cura das doenças físicas, o (re)equilíbrio das emoções, o reestabelecimento do ânimo, o desaparecimento dos ‘cansaços’ e o afastamento dos ‘maus presságios’. Tais práticas contribuíram para a formação de diferentes identidades, porque tinham a forma de experimentações de ordem existencial, histórica, agroecológica, sensorial e ancestral, perpassadas pela dimensão subjetiva-objetiva do ser mulher-terra (BAUMAN, 2005). Desde cedo, junto aos meus familiares, nas trilhas da roça (lugar onde se deu a minhas construções identitárias permeada por desafios), reconheci que “[...] a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único, é um aspecto que compartilho [...] com todos os homens e mulheres da nosso [tempo/lugar] [...]” (BAUMAN, 2005, p. 18).

Aprendi a rezar em meio aos apuros e às urgências de, por exemplo, retirar os espinhos dos pés, os bagaços dos olhos e as espinhas de peixe da garganta. A dimensão religiosa-subjetiva servindo para afastar as dores objetivas. Dessa forma, as rezas com folhas se apresentam para mim enquanto um legado, uma herança, um patrimônio cultural passado de geração a geração no interior da minha linhagem familiar, através, principalmente, das mulheres: Bisavós, Avós e Mãe; portanto, o imaterial sendo concebido, percebido e vivido na epistemologia das vivências (SOUZA; SOUZA, 2020), pois, em corroboração ao professor Antonio de Souza, a minha família aparece...

[...] como uma categoria matriz para a compreensão da relação entre a ancestralidade situada no campo/roça (objetividade) e as subjetividades de quem, vivendo no campo/roça, sente-se vinculados(as) ao “tronco” dos(as) predecessores(as) (pais, avós e bisavós), responsáveis por abrir caminhos para que fosse possível ‘tornar-se’ pessoa consciente ‘de si’ próprio(a). (SOUZA, 2022, p. 47, grifos do autor)

Por essa razão, tenho pela prática da reza afetividade e zelo. Guardo-a, utilizo-a e respeito-a, pois Vovó sempre me diz: “Minha filha, reza é coisa séria! Não pode ser passada de qualquer forma ou a qualquer um para não perder o efeito.”. Essa simbologia sagrada me acompanhava nas andanças, pelas trilhas da vida e, de repente, surgia na arquitetura da caatinga “[...] entre as folhas verdes e os troncos das árvores, entre os espinhos e os galhos retorcidos.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 189). Ainda pequena, atenta a tudo, eu percebia a sororidade entre elas (as mulheres-negras-da-roça), aquilombando-se durante o dia, a noite e no escuro silencioso da madrugada. Assim, em meio à natureza, apreciando o simples, as plantas e suas cores, as borboletas com seus diversos tamanhos, formatos, voos individuais e coletivos... eu percebi, no encanto dos movimentos, a liberdade entre ir-e-ficar.

Tive o primeiro exemplo de educação com contexto (contextualizada), através do trabalho familiar e comunitário na lavoura. No esforço do meu corpo, uma dança braçal orquestrando a terra e a enxada. Meus pés negros levantando poeira da terra quente e árida, pisando pedras pontiagudas, escorregando no barro-massapê; pesado barro que prendia no calçado, exigindo força e ajuda para desgrudá-lo. O meu chinelo desgastado não protegia o bastante, muitas vezes, era como está descalça – o que fazia com certa frequência, pois tinha pés adaptados às condições do meu lugar. Mas acontecia de ter a carne rasgada no toco, pedra,

espinho e um “[...] sangue grosso e substancioso deixava meu corpo pintando a terra com seu vermelho cor de pássaro. [...] uma folha e outra, para esmagar entre os dedos e pôr em cima do ferimento, até chegarmos à casa e saber [...] o que fazer.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 51).

Percorri caminhos de mato seco, usei a criatividade das pernas para driblar as ervas espinhosas e, diante dos desafios, enxergava, também, as flores desabrochando em tons vermelhos, alaranjados, amarelos, rosas, brancos, azuis, lilases e até com cores mestiças. Como elas (as flores) eu florescia, descobrindo-me negra de lábios carnudos, cabelos crespos e olhos de jabuticaba e, assim, fui ‘pretamorfoseando’ na roça e sua geograficidade, observando “[...] o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens [das mulheres], [...] o sentido que eles lhe dão e [...] a maneira sobre a qual utilizam para melhor se compreender e construir seu ser profundo [...]” (CLAVAL, 2007, p. 90).

Nas costuras da memória, um tecido das vivências

Ao retratar essa história de vida, bordo cenas que me dispus a “assuntar”. Retomo os ensinamentos forjados, aqui, na roça e por nossas(os) ancestrais. Tais ‘ensinos’, fundamentalmente, pedem atenção e escuta ao nosso “[...] contexto no/do campo/roça em convivência com o Semiárido; [...] [à] família no contexto social, cultural [...] [à] dimensão comunitária e [aos] elos amplificados de solidariedade, [aos] usos e costumes com a terra, a natureza e os recursos hídricos [...]” (SOUZA, 2022, p. 51). Daí o meu compromisso com a memória e as atividades de transmissão de saberes, como a confecção de blocos de adobes – algo parecido com tijolos, mas feitos da mistura de barro-pedra e usado nas construções de nossas antigas casas simples; iluminadas, às noites, pela luz do candeeiro com pavio do algodão plantado no quintal e entretecido pelas mãos de minhas Avós. Ao romper da aurora, a luz de candeeiro dava lugar ao nascer do sol. Hora de pôr os pés no orvalho frio e de buscar água nas fontes longínquas – uma expedição que mulheres e crianças faziam enfileiradas. Durante as andanças, as mais velhas do grupo, conversavam sobre a vida. Eu, quase sempre, calada devido o peso daquele pote de barro sobre minha cabeça... “Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos [...]”; este trecho de *Torto Arado* de Vieira Junior (2019, p. 119) é a transformação da minha terra-realidade em poética encarnada.

Os elementos terra, plantas, fogo e água tinham o poder de nos juntar. O dia de lavar roupas na fonte era um deles! Mulheres e crianças misturadas à manhã de fartas brincadeiras: cata-vento de folhas, contagem de pedras, amarelinha, escorrega-escorrega e pega-pega na trincheira. Enquanto isso, lá estavam elas, nossas Mães e Avós, esfregando as peças de roupa no lajedo, enxaguando, estendendo e conversando sobre a vida. Nessas ocasiões, escutei muitas narrativas guardadas no “sempre” da minha memória finita,

contudo, segundo Le Goff (2013, p. 393), “[...] é necessário sublinhar que, contrariamente ao que em geral se crê, a memória transmitida [...] sem escrita não é uma memória.”. Por isso, escrevo o que lembro...

Foi na busca por existir e resistir que eu precisei levantar cedo da cama, em que dormia em posição horizontal com as minhas quatro irmãs. Cama de colchão ‘quase macio’, recheado por folhas de pau-de-rato ou de palhas secas da bananeira. Levantava-me assim que as faíscas do sol atravessavam as frechas das janelas: os meus olhos e as janelas artesanais da minha casa de adobe. Lembro-me... quando o dia era de pescar e eu me deitava em programação, sabia a minha função naquele dia. Então, dirigia-me ao quintal com uma enxada de tamanho e o peso proporcional ao meu corpo e escavava o chão, procurando minhocas – futuras iscas dos alimentos de mais tarde: os peixes do rio. Para chegar ao rio, fazíamos um atravessamento por um campo de sisal. Reflexiva, olhava para aquelas plantas, sempre verdes e fortes em qualquer estação. Percebia a força de sua fibra. Meu corpo dava sinais de que precisava ser forte também. Se fosse a época, passávamos nos pés dos umbuzeiros para o lanche e seguíamos. O ato de pescar envolve um ritual. Exige silêncio, respeito ao profundo mistério das águas; em movimentos calmos e rápidos. Lá estávamos nós, mulheres negras, em mais uma expedição... “Cresci em ambientes pronominalmente femininos e sei como isso foi crucial para o meu desenvolvimento.”, disse Lorde (2019, p. 98) no passado – digo-as (suas palavras) hoje.

Ao chegar à casa, limpava os peixes debaixo da cajazeira. Enquanto umas higienizavam os tesouros alimentícios, outras acendiam o fogo para adiantar. Depois nos reuníamos sentadas no chão batido da cozinha e dividíamos aquele pescado cozido com toucinho, pimenta, coentro, manjericão, hortelã e tomatinho do quintal ou assado na palha da bananeira sobre a trempe do fogão à lenha (peça de metal, com três furos que servia de apoio para cozinhar as panelas de barro, assar carnes, peixes e até passarinhos). Sempre em roda, partilhávamos o alimento e relembávamos o peixe que eu não deixei escapular. No outro dia, ia à lavoura fazer o plantio da mandioca. Atenta à posição do caule, à quantidade de terra para cobri-lo e à fase da lua, pois poderia haver uma interferência na germinação e no tempo de colheita, no rendimento das raízes ou na qualidade da farinha. Atenta às sementeiras que lançava a terra nas covas (buracos cavados com a enxada para pôr as sementes). A ciência era/é: abrir as covas seguindo um mesmo sentido e mesma profundidade; definições para a boa germinação das sementes.

Plantava e capinava os pés de milho e feijão com a enxada que me pertencia – já contei que cada qual tinha a sua própria? Para garantir a safra, precisávamos, por vezes, disputar com os passarinhos, tal a passagem da literatura de Vieira Junior (2019, p. 42): “Nos muníamos de galhos, pedras [...] para espantar os pássaros, miudinhos de penas negras e que brilhavam quase azuis na luz da manhã. Se não fôssemos rápidos o suficiente, seu bico entrava no grão que amadurecia [...] sugava tudo que estivesse dentro [...]”. Dessa forma, compreendi que para colher meu alimento, precisava tratar o solo com respeito, cultivá-lo como uma obra de arte. Sendo mulher-terra, aprendi a arrancar os pés de feijão e fazer a junção deles em molhos;

carregá-los até a serva (cerca de madeira, em posição horizontal, que serve para fazer a secagem dos grãos de feijão) ou ao moleque (conjunto de três ou mais peças de madeiras, dispostas em vertical, que serve para o armazenamento dos pés de feijão). Ali ficavam até que os grãos estivessem totalmente secos para serem batidos com vara em dia de sol quente e nos entrelaces das possibilidades e consequências. O dia da ‘bata’ do feijão com vara era mais um momento no qual nossas famílias costumavam se organizar; trabalho e diversão se coadunavam: homens, mulheres, crianças, jovens e idosos – uma ciranda em cantoria e aquilombamento, compartilhando as comidas, as bebidas e os instrumentos de trabalho. Hall (1996, p. 20) enfatiza algo pertinente ao que acabei de registrar, ele diz: “[...], os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência [...] aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados.”.

Eu observava a agilidade das pernas e dos braços em atividades simultâneas. Admirava o vigor do meu povo negro. As roupas encharcadas de suor repercutiam o esforço de bater, juntar, separar palha-e-grãos, peneirar em danças rápidas do para-lá-e-para-cá. Trabalhávamos cantando, sorriso no rosto para espantar o esmorecimento. Comíamos da boa partilha. Eu ajudava a catar os grãos, segurava a saca para o armazenamento e depois brincava naquele amontoado de palhas. Ao meio-dia, parávamos para compartilhar a comida, geralmente, sob a sombra de alguma árvore. Mãe dividia a ‘boia-fria’ e servia na côncava do licurizeiro. Depois eu bebia na cuia (recipiente feito com a metade de uma leguminosa que, quando seca e serrada ao meio, tem muitos usos: serve como vasilha para beber água, pegar farinha e jogar milho para as galinhas). Bebia a água da moringa que ficava imersa na terra para não esquentar... o meu povo é muito sabido!

Uma observação importante: quando criança eu achava impressionante a capacidade que tínhamos para cuidar com capricho, inclusive, dos cultivos de todos os fazendeiros da região. Os meus pés negros já pisaram, andaram e plantaram várias propriedades do meu município. Fiz e refiz plantios, capinas, colheitas e carreguei os balaios cheios na cabeça (o balaio é uma peça tecida com cipó – uma espécie de planta trepadeira, colhida na fase da lua minguante – que tem formato circular como uma bacia) de uma produção que não era nossa, mas dos “donos” da terra. Sobre isso, acho oportuno transcrever a seguinte verificação-denúncia feita por Antonio de Souza (2022, p. 48, grifos do autor), qual seja:

Dessa [narrativa acima], tem-se a exploração dos latifundiários – os dirigentes da agricultura patronal, a prole resultante do passado iniciado nas chamadas Capitâneas Hereditárias – que por serem “exímios-meritocráticos” predestinados ao uso abusivo e econômico do povo e do território, desconhecem a ciência da natureza [...]. A incultura dos “donos” da terra advém do fato deles não terem sido gerados por aquela terra-mãe, não tendo por ela uma ligação umbilical, semelhante ao vínculo identitário percebível nos(as) agricultores(as) de *Torto arado* (2019) que, embora fossem trados(as) como trabalhadores(as) ordinários(as), relegados(as) ao abandono de quem vive à margem de qualquer direito, experimentavam e estabeleciam no contexto do campo/roça (no plantio, na colheita, nas festas religiosas e comunitárias) mediações fundamentais; interseções com a materialidade objetiva do lugar

a ponto de, cada qual com suas idiossincrasias particulares, tornaram-se um ser-da-caatinga, um membro do povo sertão.

No fragmento há uma intertextualidade entre minha memória escrita, o livro de Itamar Vieira Junior (2019) e a percepção histórica de um homem-negro diante da História na qual a sua ancestralidade foi calada, silenciada na exploração escravocrata arrastada por mais de 300 anos. Uma intertextualidade sobre a resistência de quem, apesar dos pesares, fez-se presente/resistente na História deste país. Por isso, escrevo o que lembro...

Na trama da resistência ancestral

A base da nossa alimentação era sempre natural. No dia a dia, a utilização das PANC'S (plantas alimentícias não convencionais – podem ser nativas, exóticas ou silvestres que nascem espontaneamente ou através de cultivos – possuem alto valor nutricional; na roça usamos para a diversificação do cardápio, fazendo parte da nossa história e cultura). As PANC'S, de grande riqueza agroecológica, por certo, trouxeram benefícios nutricionais, ganhou destaque como alimentação alternativa e na relação de troca – existia/existe uma sororidade e solidariedade, tínhamos/temos o hábito de trocar e doar alimentos para possibilitar que todos sintam o sabor das frutas, das folhas, dos legumes, dos grãos e das raízes da terra.

Cresci vendo/fazendo essa singularidade afetiva. Participei de momentos genuínos, principalmente com a domesticação da mandioca enquanto raiz ancestral. Junto às mulheres negras da roça, vivi/vivo a 'lida árdua', mas que se constitui em riqueza para nós, unindo gerações, transferindo legados, saberes e segredos. Refiro-me à semana da farinhada, permeada pelas noites de luas cheias, pelo divertimento ao som das sanfonas, do aconchego da quentura do forno, do cheiro da manipueira (água da raiz da mandioca que serve para a produção de conserva e defensivo natural para as plantas). Recordo-me menina, na casa de farinha, com minhas tranças cheias do pó da farinha... eu, minhas primas e meus primos sentávamos às voltas do tapete de retalhos coloridos ou nas esteiras de palhas de ariri, “[...] ficávamos acordados até a madrugada correndo pelo terreiro, contando histórias e rindo alto.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 43).

Assim, fui me educando na divisão responsável do trabalho, na observância e no cumprimento das etapas que deveriam respeitar o tempo correto e combinado; aguardando os almoços coletivos sob as copas das frondosas árvores. Sempre, é claro, na expectativa pelas estórias/histórias, pelos “causos”, cantigas, adivinhações e lendas contados pelas(os) mais velhas(os). Observava as invenções criativas das minhas Avós – como o abano (objeto tecido na palha de ouricuri que serve para acender o fogão à lenha); ele espalhava o cheiro do beiju recheado com coco, rapadura e embalado na palha da bananeira –: as ‘artesanias’ que me deixavam fascinada.

Aprendi, e ainda aprendo, com as mulheres-negras-da-roça a “costurar” os retalhos dos tecidos da vida em tramas da resistência que é ancestral. Eu participava dessa perspicácia criativa durante o tecer das palhas na confecção de esteiras, chapéus, vassouras. Também com a lenha da caatinga, a feitura de ripas para o telhado, as portas, as janelas, as tramelas, os tamboretos; além disso, esse bioma ofertava alimentos, lazer, ervas para o banho, rezas, chás, temperos, sucos e até o colchão para dormir, descansar e sonhar em permanecer na escola.

Lembro-me das brincadeiras aqui na roça. Hoje entendo que as brincadeiras tinham uma perspectiva etnomatemática, pois fazíamos contagem com pedras, sementes, gravetos. Conforme esclarece D’Ambrosio (1999, p. 35), “[...] as matemáticas praticadas pelas distintas culturas e povos diferentes nas várias épocas da história, e por muitos [...] praticadas, são etnomatemáticas”. Brinquei com as plantas (fazendo cata-vento com a folha da mangueira), com os peixes na água (na época das enchentes), com o sabugo de milho (fazendo bonecas), com os frutos do ouricuri maduros, secos ou cozidos (realizando contagem matemática, enquanto quebrava-os com o esforço da pedra – principalmente, nas noites de lua cheia –, para retirar um coquinho pequenino e saboroso que fica no interior de um fruto resistente... inclusive, esse fruto, dá nome à minha Comunidade Negra).

Essas lembranças revisitadas, colhidas, tecidas e arrematadas dão sentido à minha vida... é a minha própria vida. Por isso não podem ser deixadas como apêndice, elas merecem a devida centralidade. Nessas andanças eu me vejo em devir ancestral; refazendo e abrindo novos caminhos em aquilombamento, afinal, eu sou mulher-negra-agricultora-pesquisadora-e-professora. Como eu digo em outro estudo, escrito em parceria, a minha docência “[...] me conclama para um debate político, a uma reflexão, diálogo e ação.” (RABINOVICH; SILVA; SOUZA, 2020, p. 5).

O silêncio das escolas sobre meu ser negra

Estudei na minha Comunidade, da creche até a antiga 4ª série, em uma escola rural de classe multisseriada – organização escolar que faz parte da identidade do povo da roça e da minha enquanto estudante e professora da roça; trata-se de uma escola-em-comunidade com problemas que dizem respeito à exploração e à negligência política. Nela havia estudantes em diversas idades e séries. Embora na Comunidade fôssemos, em sua maioria, pessoas negras, os conteúdos trabalhados não falavam/retratavam sobre as nossas vidas e vivências, não havia proximidade com a realidade e com o lugar de existência (SOUZA, 2018).

No livro didático, desenhos de alimentos que apenas ficavam na imaginação: amoras, framboesas, morangos, peras, uvas e outros mais; aumentando ainda mais o meu desejo para que chegasse logo a hora do recreio (da ‘merenda’ que, para mim, tinha um novo sabor, cor e cheiro). Ao chegar da escola, no

entardecer de um pôr de sol alaranjado, já cansada – também da lida na lavoura no turno da manhã –, ia para casa de minha Avó Maria pisar no pilão (tronco ancestralizado – objeto de madeira, utilizado para processar o milho para fazer mungunzá, fufu, cuscuz, mingau). Pisava o milho para o cuscuz do café da manhã, do almoço e da janta do dia seguinte. Se sobrasse milho, teríamos o fufu (paçoca boa, feita de milho torrado com açúcar). Esse entardecer poético era permeado pelas rezas e cantigas que Vó fazia, despertando-me para uma “[...] consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como [...] mulher-negra.” (EVARISTO, 2020, p. 54).

Sempre gostei de estudar. No entanto, eu não tinha quem me acompanhasse nas tarefas escolares, pois meus pais tiveram que escolher o trabalho da roça em detrimento forçado da escola. Por isso, virava-me sozinha todas as noites, sob a luz do candeeiro – ainda hoje estudo com esse objeto-luz, inclusive, para passar na seleção do mestrado; período em que corriqueiramente faltava energia elétrica, embora não me faltassem as energias ancestrais.

Os anos se passaram e fiz a travessia da escola da roça para a da cidade. Enfrentei grandes desafios, projeções preconceituosas por ser mulher-negra-da roça, lá me senti (des)territorializada, tive as minhas “diferenças” reveladas, sofri com preconceitos e atitudes racistas; o racismo vivido na escola por eu ser negra-da-roça. Nesse sentido, Souza (2018, p. 23) aduz: “[...] o temor [...], pois o olhar [...] faz aparecer as diferenças e, conseqüentemente, elevam-se as trincheiras e distâncias entre as diferenças, onde, muitas vezes, apenas o igual é salutar, admirável e favorável.”

Ao chegar a casa, em meio às lágrimas no banheiro sem telhado (que era um puxadinho da casa) via, com frequência, estrelas cadentes se deslocando apressadas no céu escurecido... Vovó havia me assegurava que elas tinham poderes, sabe! Eu acreditava e fazia pedidos, enquanto ela cruzava o céu. Pedia para ter saúde, consegui ir bem nos estudos (condição imposta, por meus pais, para permanecer na escola e concluir, pelo menos, o segundo grau). Quando, na escola, surgia qualquer pecinha teatral, negava-me a fazer o papel de empregada doméstica, pois eu queria fugir de um destino que me era certo: ir trabalhar nas cozinhas alheias das grandes capitais, destino da maioria das mulheres negras da minha família (SILVA, 2020). Com o passar do tempo, a possibilidade de viver na roça foi se revelando possível. À noite, quando me deitava, sobre o colchão de folhas ‘quase macio’, ficava a “[...] encontrar [...] sentido na vida por sonhos, [...] buscar os cantos de cura, a inspiração [...] possibilidades. [...] formação, [...] caminho de aprendizado, [...] sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com um mundo e com as [...] pessoas.” (KRENAK, 2019, p. 53).

Nas escolas, sempre um silenciamento acerca das nossas histórias, da temática da África, das culturas afro-brasileiras e ruralidades. Os livros sempre sem a devida contextualização, e quando as(os) negras(os) eram retratadas(os), as imagens e a linguagem colocava-nos em lugares da subalternidade, escravidão e submissão. Além da associação pejorativa a tudo que é tido como ruim, mau, feio ou fedido! Então, eu não

me via representada. A instituição que deveria/deve trabalhar pelo respeito acabava inculcando-me uma “inferioridade”. Via-me violentada pela própria escola e sua filiação ao pensamento racista (SOUZA, 2018). Dessa forma, “[...] as minhas primeiras experiências de exclusão e negação foram ambientadas na escola. [...] pelos corredores, nas aulas [...], eu pude conhecer o êxito da mentalidade racista e discriminatória que me lançava a um lugar inferiorizado.” (SOUZA, 2018, p. 116).

Como se não bastasse a falta de uma representatividade positiva, eu ouvia palavras que doíam tanto quanto os espinhos dos mandacarus em meus pés. Minha negritude, em contexto da falta de expectativas, sob os olhares estranhos, desconfiados e debochados, foi – muitas vezes – submersa em lágrimas de dor e vergonha do ser mulher-negra-da-roça. Meu cabelo protagonizava os eventos racistas e mais vexatórios. Permaneci na escola fingindo não escutar a “pedagogia dos insultos”. Acreditei que aquele espaço era meu e que deveria resistir. Então aprendi e decorei muito conteúdo para as arguições em sala de aula, sob os olhares repressivos dos ‘outros’ e sob o meu próprio temor em fracassar. Mas não fracassei!

Por fim (que não é o fim)

A resistência trouxe, até aqui, a Ana Maria. Lastreada nos saberes formativos, pelo entorno cultural e pela sabedoria das(os) mais velhas(os), teceu-se em comunidade-familiar: *locus* no qual se percebeu existindo enquanto pessoa lançada na roça-mundo. Tomou consciência da sua própria existência na ‘circularidade’ dos saberes específicos narrados nesta escrita em primeira voz encarnada (SOUZA *et al.*, 2021). E, se prestarmos atenção, veremos Ana Maria (na sua individualidade), mas veremos, de modo igual, as(os) suas(seus) ancestrais – o passado, o legado familiar, as raízes ancestralizadas... apontando as novas ‘continuações’, o trajeto formativo, o desdobramento, o ‘tornar-se’ mulher-negra-da-roça-afirmada.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CLAVAL, Paul Charles Cristophe. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2007.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.
- FINGER, Mathias. As implicações socioepistemológicas de método biográfico. *In*: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Cadernos de Formação, 2010. p. 119-128.

- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 139-150.
- HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. Tradução de Guacira L. Louro e Tomaz da Silva. Porto Alegre: Faculdade de Educação UFRGS, 1996.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MALVEZZI, Roberto. **Semiárido: uma visão holística**. Brasília: CONFEA, 2007.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Negragayjudia: três pessoas em uma autobiografia. **Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica**, Salvador, v. 5, n. 15, p.1361, set/dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7796>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- SILVA, Ana Maria Anunciação da. **Narrativas de vida-formação-profissão das docentes do campo/roça: identidades e culturas**. 65f. Monografia (Especialização em Educação do Campo) – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano, IF Baiano, Serrinha/BA, 2020.
- SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Entrelaçando vivências: memórias e práticas de uma professora negra da roça. *In*: Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências, 1., 2020. **Cadernos Macambira**, [S. l.; s. n.], v. 5, n. 2, 2020, p. 251-258. Disponível em: <http://revista.lapprudes.net/index.php/CM/article/view/532>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- SOUZA, Antonio José de. A família como objeto da História na Educação do Campo/roça para Convivência com o Semiárido. *In*: CREMA, Everton; MARTIN, Nilson Javier Ibagón (Orgs.). **Ensinar História: Aprendizagens**. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022. p. 45-53.
- SOUZA, Antonio José de *et al.* Autoetnografias na educação do campo/roça: perspectivas reflexivas e polifônicas. **Revista Macambira**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2021, p. 1-25. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/645>. Acesso em: 09 set. 2022.
- SOUZA, Antonio José de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas**. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- SOUZA, Antonio José de; SOUZA, Heron Ferreira. Introdução. *In*: SOUZA, Antonio José de; SOUZA, Heron Ferreira. **Educação no/do campo: entre o concebido, percebido e vivido**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 15-22.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

Informações do Artigo

Recebido em: 07/09/2022
Revisado em: 30/09/2022
Aceito em: 06/10/2022
Publicado em: 20/11/2022

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Contribuição dos autores:

Autor 1 – Coordenadora da proposta, participação ativa na escrita e revisão final.
Autor 2 – Participação ativa na escrita e revisão final.
Autor 3 – Participação na revisão final.

Como citar este artigo

Silva A. M. A. da, Souza A. J. de, Jesus R. M. V. de (2022). Sentidos e costuras de uma mulher negra na/da roça. **Revista Macambira**, 6(1), e061012. <https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.723>

Licença:



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information

Received on: 09/07/2022
Revised on: 09/30/2022
Accepted on: 10/06/2022
Published: 11/20/2022

Conflict of Interest: No reported.

Authors' contribution:

Author 1 – Project coordinator, active participation in data collection and analysis and review of the final writing
Author 2 – Data collection and analysis and review of the final writing
Author 3 – Review of the final writing.

How to cite this article

Silva A. M. A. da, Souza A. J. de, Jesus R. M. V. de (2022). Senses and seams of a black woman in/da roça. **Revista Macambira**, 6(1), e061012. <https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.723>

License:



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.